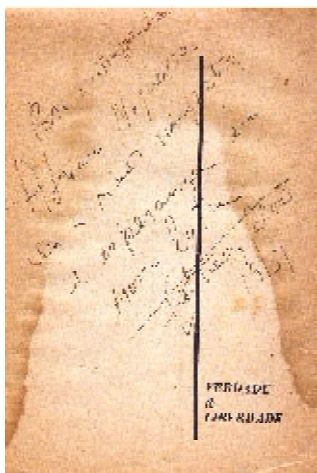


O Companheiro Adriano Nogueira

Rosani Abou Adal



"Para o companheiro Adriano Nogueira com a maior simpatia e esperança em nossa luta.", dedicatória do livro *Verdade & Liberdade*, de Patrícia Galvão, datada de 1951, ao editor do *Linguagem Viva* que faleceu há uma década, no dia 23 de junho.

Verdade & Liberdade, Comitê Pró Candidatura Patrícia Galvão, publicado em 1950, foi oferecido ao Adriano quando Pagu esteve em Piracicaba para proferir uma conferência e debate público com os companheiros de legenda, em 1951. Adriano a convidou em nome do Diretório Municipal do Partido Socialista Brasileiro.



Adriano Nogueira editou o *Linguagem Viva* comigo, desde a fundação do jornal, em setembro de 1989, até a edição nº 178, junho de 2004, que circulou dias antes do seu falecimento.

Conheci Adriano em 1986, em São Paulo, na sede da UBE, Rua 24 de Maio, 250. Ele estava em companhia do saudoso Almeida Fischer - seu primo-, e me foi apresentado por Caio Porfírio Carneiro.

Na época ele trabalhava no Tribunal Regional Eleitoral, Rua Francisca Miquelina, 123. Morava na Rua Cel. Xavier de Toledo, 264, no prédio da Livraria Brandão, e passava os finais de semana em Piracicaba.

Toda quarta, no barzinho do "tio Franco", na UBE, era o ponto de encontro dos intelectuais e escritores brasileiros.

A boemia e os ideais literários nos uniram. Os encontros pelos bares e restaurantes da cidade eram constantes.

Fischer vinha com frequência para São Paulo e ficava hospedado na casa do Adriano. Na época tinha um Corcel II - o Johnny Alf - que nos conduzia para todos os cantos da cidade. Era mais que um carro e quase virou patrimônio da intelectualidade. Foi o Johnny que me conduziu, pela primeira vez, à terrinha que adoro tanto.

A amizade se consolidou. Resolvemos editar o LV numa boemia do Eldorado Boulevard. As reuniões de pauta do jornal eram realizadas na Leiteria Americana, no Bar Brahma e no Restaurante Parreirinha. Depois estendíamos a noite para o Eldorado Boulevard, Café do Bexiga e Café Piu-Piu.

Fechávamos o jornal nos finais de semana. Ficava hospedada na sua casa, Rua Padre Conceição Meireles, 158. Era bem recebida pelos irmãos 'Guga', Iulda e Terezinha que moravam com ele. Logo mais chegavam os irmãos 'Panhol' e 'Tito' e as esposas Mercedes e Célia.



Almeida Fischer, Adriano Nogueira, Samuel Penido e Rosani, no Restaurante Um, Dois Feijão com Arroz, em São Paulo.

Não havia computador. Tudo era na máquina de escrever e a diagramação, manual, com a régua de paica.

A boemia piracicabana começava no saudoso Restaurante Brasserie, Praça José Bonifácio, 905. Choppinho bem tirado, com o colarinho na medida certa. No final era só contar as bolachas e pagar a conta. Tinha uma turminha boa que se reunia lá, como o saudoso Henrique Cocenza que nos alegrava com os seus causos.

Tempinho bom que não volta mais. Ainda bem está sempre vivo na lembrança. Piracicaba passou a ser minha terrinha. Acho que fui adotada caipiracicabana, como dizia o vate João Chiarini.

Adriano Nogueira, advogado, intelectual e escritor, nasceu em Piracicaba, Estado de São Paulo, a 8 de setembro de 1928. Colaborou, desde 1948, em jornais de Piracicaba e região. Na Faculdade de Direito, em Piracicaba, editou o jornal *Thesis* e foi Presidente do Diretório Acadêmico. Exerceu o cargo de Secretário da Academia Piracicabana de Letras e de Diretor da União Brasileira de Escritores.

Publicou apenas um livro: *Registros Literários*, em 1998, pela Scortecchi Editora.

Segundo Caio Porfírio Carneiro, no prefácio da obra, "Temos neste livro muito da história cultural piracicabana e muito da

história do País. O fecho da obra, onde o autor estuda aspectos políticos na vida de Euclides da Cunha, é um achado, porque vem provar, neste arremate, que Adriano, para além do seu estilo elegante, para além do cronista, do historiador e pesquisador das nossas letras, é um analista minucioso e preciso de qualquer tema que aborde."

Para Adriano, *Registros Literários* é uma extensão do seu trabalho no jornal *Linguagem Viva*.

Sempre se preocupou mais com os outros. Um ser humano que estava sempre disposto para ajudar, dividir, compartilhar e estender as mãos. Socialista e democrata de verdade.

Pagu soube bem designá-lo no autógrafo. Companheiro é a melhor palavra para denominar o dileto amigo, porque sempre será o companheiro de lutas, da Literatura, do *Linguagem Viva* e da vida.

Não vou pedir um minuto de silêncio, porque a luta continua e não devemos perder a esperança.

Vale lembrar a quadrinha que era cantada pelos camaradas:

"Companheiro me ajude
Que eu não posso cantar só.
Eu sozinho canto bem,
Com você canto melhor."

Rosani Abou Adal é vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo.
www.escritorssp.org/

FRAGMENTÁRIAS REFLEXÕES

Em Memória de Dom Tomás Balduino, com quem mantive fecundo e proveitoso diálogo em Goiás Velho (Go)

Emanuel Medeiros Vieira

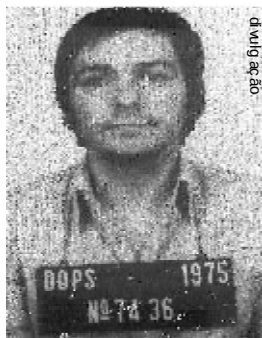
"As torturas a que me submeteram, nos porões do Doi-Codi, deixaram sequelas que até hoje não consigo avaliar com precisão. Mas creio que o seu efeito mais perverso é uma sensação insuperável de isolamento, um sentimento de solidão que se instalou para sempre." (Rodolfo Konder (1938-2014))

"Sem querer parece piegas, havia um comprometimento com o coletivo nos anos 1960-1970, especialmente dos jovens, que não faz muito sentido hoje. Os caras iam para a clandestinidade, muitos morriam, eram torturados, abdicavam de vida pessoal, de carreira, filhos, porque acreditavam numa coisa" (Wagner Moura, ator brasileiro nascido em 1976)

"Ele não poderia escrever algo mais leve?", um (raro) leitor se perguntará. Poderia. Mas, hoje, rápida e fragmentariamente, queria meditar sobre algo: toda a tecnologia, não conseguiu expurgar o sentimento de "ilhamento" entre as pessoas, de solidão individual, de busca (de muitos) pela droga para fugir do real. Não é monumentalizar uma geração. A discussão política é rala, superficial, um Fla-Flu. Todos parecem só gostar de mexer em celulares. Lêem? O sentimento real de amizade (não virtual) parece abandonado. Pessimismo? Olhem ao redor. Quando reflito, tal postura não significa pessimismo. A vida é o valor maior – perdoem o lugar comum. Várias vezes, escrevendo, escutava (como escuto agora), o canto de pássaros. O dia está azul. Esta geração (citada acima) "fracassou? Como diria mestre Darcy Ribeiro, não queria estar ao lado dos que "ganham. Ganham? Empobrecimento espiritual, desigualdade, brutalidade nas relações, violência generalizada – e o golpe de 64 tem enorme responsabilidade neste doloroso processo. Continuemos. Não peço que aceitem o que eu digo. Mas que reflitam. Só isso: reflitam!

PS: O ator citado na epígrafe, filmará a vida de Carlos Marighella (1911-1969). Diz Moura: "É um filme sobre sacrifício. Ele tinha uma visão aguçada do futuro, com muita lucidez, um dos únicos a entender, antes do golpe, que a chapa ia esquentar muito. O herói que eu gosto de ver é esse, e que caminha para um destino trágico com altivez."

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, contista e romancista.



Rodolfo Konder

Estes não viveram!

Dedicado à memória do inesquecível Rodolfo Konder

Fernando Jorge

Não viveram os que ficaram corroídos pela inveja do sucesso de alguém e se encheram de despeito.

Não viveram os que sempre entupiram os seus corações com o mais monstruoso dos ódios irracionais.

Não viveram os que nunca sentiram a presença silenciosa e emocionante da saudade.

Não viveram os que não se solidarizaram com os sofredores e os consolaram.

Não viveram os que procuraram corromper a pureza, a inocência, as virtudes, esmagando beija-flores, lírios, camélias e rosas.

Não viveram os que não acariciaram uma criança, não a beijaram, não brincaram com ela, ou lhe negaram um sorriso, uma palavra de ternura.

Não viveram os que, em nome da verdade, destruíram estupidamente as ilusões das almas ingênuas e sonhadoras.

Não viveram os que aplaudiram com cinismo o erro, o vício, a injustiça, o roubo, o crime, a venalidade, a corrupção, a prostituição.

Não viveram os que não amaram a cultura, a música, a poesia, a obra de arte, a beleza.

Não viveram os incapazes de deter pena de um infeliz, de um desgraçado, e que transformamos seus corações em barras de gelo.

Não viveram os egocêntricos, que se preocuparam apenas com o seu bem-estar e fizeram de suas vidas uma auto-idolatria, sem ligar para mais ninguém.

Não viveram os jovens que zombaram dos velhos, e os desrespeitaram com a impaciência, a injúria, os cretinos atos de grosseria.

Não viveram os mesquinhos, que se mostraram pequeninos no modo de agir em relação aos nossos semelhantes e jamais tiveram um gesto de nobreza, de altruísmo, de desprendimento.

Não viveram os que só queriam "relaxar e gozar" e que acharam que o principal é encher o estômago, dormir bem, defecar bem e ter voraz e insaciável apetite sexual.

Não viveram os que só se preocuparam com os bens materiais, em detrimento dos bens espirituais, e que converteram os seus corações em metálicas caixas registradoras, cujo som é assim: dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Não viveram os que, praticando uma ação vil, traíram a confiança de quem neles acreditava e assim emporcalharam as suas almas, cobrindo-as com fedorentos mantos de excremento.

Não viveram os falsos, os hipócritas, que Cristo comparou a "sepulcros brancos, caiados por fora, mas cheios de ossos de mortos e de podridão por dentro".

Não viveram os que foram racistas, preconceituosos, e que por orgulho tolo, por se sentirem superiores, humilharam e maltrataram pessoas.

Não viveram os que não sentiram a dor indescritível de perder, levada pela morte, uma pessoa querida, pois como disse o poeta Francisco Otaviano, em versos nos quais a verdade resplandece:

Quem passou pela vida em branca nuvem e em plácido repouso adormeceu, quem não sentiu o frio da desgraça, quem passou pela vida e não sofreu, foi espectro de homem, não foi homem, só passou pela vida, não viveu.

Meus amigos, viver é emocionar-se, no bom sentido, é sentir que temos alma, amor, sonhos, esperanças, coração, lágrimas, bondade, piedade, saudade. Quem não possui tudo isto não está vivo, é como um campo desprovido de flores, árvores, pássaros, sombras aconchegantes, só habitado por vermes, ossadas, escorpiões, mortíferas cobras geradas na região do horror e do espanto.

Fernando Jorge é escritor, jornalista, historiador, biógrafo, crítico literário e dicionarista.
www.fernandojorge.com/

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade mensal - Site: www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928-2014) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br
Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392
CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110
Distribuição: Encarte no jornal A Tribuna Piracicabana distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.
Impresso nas oficinas de A Tribuna Piracicabana
R Tiradentes, 347 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br
Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Um Acadêmico Bissexto

João Baptista de Souza Negreiros Athayde

Conheci Adriano Nogueira no ano de 1971, nos corredores da Faculdade de Direito do IEP (atual UNIMEP), quando de seu ingresso no então Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, do qual era eu secundarista.

Coleguismo de acadêmicos, a princípio, discutindo questões ligadas ora com o andamento dos estudos, ora com a demora de reconhecimento da Faculdade pelo MEC, ora fazendo digressões sobre os chamados "anos de chumbo" e padecendo juntos da mesma asfixia de ideias, ideais e sonhos da juventude da época, imposta pela ditadura militar.

Mas, apesar disso, havia espaço também para as noites degustadas e bebericadas nas confraternizações do Diretório Acadêmico de Direito, ali na Rua Rangel Pestana, num tempo em que cada Faculdade tinha o seu próprio Diretório, e neste era possível perceber o surgimento do sentimento mais puro que identifica o universo estudantil: o espírito acadêmico, esse substrato mágico que permeia a diversidade de indivíduos, e acaba por uni-los para sempre num magma de amizade e afeição.

Algum tempo após nossas formaturas, voltamos a ombrear em novas lutas, desta vez como profissionais do Direito, participando do mesmo escritório de advocacia, convívio esse que perdurou por pouco tempo, quando Adriano decidiu-se pelo funcionalismo público, ingressando no Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, e ali permaneceu até sua aposentadoria, após o que entregou-se de corpo e alma ao magnífico projeto da criação e edição do Jornal literário "Linguagem Viva", em parceria com a poetisa Rosani AbouAdal.

Na verdade, nem foram longos meus tempos de convivência com a pessoa de Adriano Nogueira, afastados pela distância entre São Paulo e Piracicaba e pela diversidade das atividades que exercíamos. No entanto, se a convivência não foi extensa, nem por isso o liame surgido nos bancos acadêmicos deixou de se consoli-

dar no tempo e com o tempo, na medida em que os raros reencontros serviam para renovar sempre a substância e identidade daquela amizade. Em 1985, convidei-o para padrinho de meu primogênito Marco Aurélio.

Estranho que, embora divergíssemos sempre em termos de ideologias políticas, tal fato não provocava nenhum distanciamento entre nós, talvez porque cultivássemos a mesma pureza de ideais e porque bem compreendíamos a infância dos nossos sonhos.

Nem mesmo a política estudantil nos abalava. Basta dizer que foi para ele que perdi, pela primeira vez, uma eleição estudantil, e justamente quando disputamos a presidência do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Lembro-me de que, sem nenhuma amargura, nenhuma mágoa, acompanhei-o na comemoração dessa vitória, ali no Bigeto, em noite memorável de amizade e descontração, e sobretudo, de respeito mútuo.

Adriano era, na verdade, uma grande alma, dessas almas grandes que dignificam o substrato de humanidade que existe em cada um de nós; e como convém às almas dessa natureza, era um homem simples em todos os aspectos: no modo de ser, de falar, de vestir, de conviver.

Era um literato, e conhecia a fundo o universo das letras, sem nunca dar-se ares de estudada intelectualidade. Era um poeta, e de finíssima sensibilidade; e, embora pouco se tenha dedicado a trilhar as diáfanas veredas de Parnaso, deixou-nos pérolas encantadoras, demonstrando rara criatividade e inspiração poéticas.

Piracicabano apaixonado por sua terra, não economizava homenagens aos grandes valores morais e intelectuais que aqui pontificaram, culminando por publicar o seu "Registros Literá-



Athayde e Adriano Nogueira na reunião do CLIP - Centro Literário de Piracicaba

os", divulgando nomes e obras de poetas e escritores locais que, ao longo do tempo, dignificaram as letras piracicabanas. Não pode, contudo, concluir o projeto de publicar outras edições dessa obra, com que ampliaria o registro do panorama da Arte Literária de Piracicaba. Faleceu antes disso, deixando interminado o trabalho.

Tenho para mim que a escolha de seu nome para Patrono da Cadeira nº 34 da nova Academia Piracicabana de Letras resultou de ato da mais pura justiça, posto que esta se patenteia quando, mesmo no universo das paixões humanas, vislumbra-se o reconhecimento da legitimidade do verdadeiro mérito.

E a mim, a quem coube a honra de poder escolher ADRIANO NOGUEIRA por meu Patrono na Galeria de Acadêmicos da APL, resta-me o compromisso e a responsabilidade de dignificar-lhe o nome, e esforçar-me por fazer jus à sua dimensão como pessoa, como cidadão, como profissional e, também, como inesquecível literato.

João Baptista de Souza Negreiros Athayde é advogado, escritor e membro da Cadeira nº 34, Patrono: Adriano Nogueira, da Academia Piracicabana de Letras.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

DUAS CARTAS

Caio Porfírio Carneiro

I
Paula,
Pensei muito em lhe escrever. Pensei muito, noites seguidas, em lhe telefonar. Pensei muito em lhe esperar no ponto do ônibus. Pensei muito em ir esperá-la na saída do trabalho. Pensei, pensei, pensei, e, pensando bem, resolvi escrever. Não sei se foi o pensamento mais correto.

Pensei, pensei, pensei muito em você. Isto diz tudo, penso eu.

Pedro

II

Pedro,

Você pensa demais. Eu não penso nada.

Paula

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Então Vamos Prosear

Hilda Gouveia

Desde o tempo em que o tempo não tinha pressa de passar, Sebastião Wenceslau Borges virou mexeu em seus "baús de lembranças", reuniu algumas em livro, e nos brindou com o seu *Memoriando*, já na quarta edição, fato não muito costumeiro por aqui nessas bandas das gerais. O *Memoriando* nos chegou assim devagarzinho, como que a pedir licença para um proseio, foi se ajeitando e encontrou o seu lugar entre os leitores passenses, conquistando-os.

Nós, que nascemos há alguns anos (Melhor não dizer quantos) Mas como dizia, nascemos nos tempos em que se amarrava cachorro com lingüiça e botava a raposa para vigiar as galinhas, em qualquer cidade interiorana do nosso Brasil, nos identificamos com esses causos mas contá-los como o Tião sapateiro, só ele mesmo é capaz de fazê-lo com tanta ternura para que gerações atuais saibam como eram os costumes daquele tempo e nós, contemporâneos do Tião, tenhamos a oportunidade de lembrar coisas supostamente esquecidas. Na primeira edição do seu *Memoriando* eu havia dito que aquele livro era um tesouro guardado em baú de lembranças e acreditava que no referido baú ainda havia muitas relíquias. E eis que agora o Sebastião revira o Baú e retira lembranças que dormitavam lá e nos

oferece, como bom contador de causos, outro tesouro, o *Proseando*, cujo título se adequa perfeitamente ao livro pois a leitura nos faz sentir como se assentássemos ao lado do Tião para um dedo de prosa e com a certeza de que outros encontros desses ainda acontecerão, histórias é o que não vão faltar visto que o autor valoriza aquilo que tem, no entanto suas lembranças não são nostálgicas, mas a cada citação dá vontade de repetir Luiz Guimaraes Junior em sua Visita à Casa Paterna, no verso: "Oh se me lembro, e quanto!"

Vale lembrar a maneira de se expressar do Sebastião, o seu jeito de buscar coisas passadas e trazê-las ao presente, numa linguagem simples e gostosa de ler, o seu jeito observador como se estivesse presente ali onde os fatos se passaram, muitos pontos da narrativa nos remetem a alguns contos de Monteiro Lobato, aquele que disse que "Um país se faz com homens e com livros."

Tião nos faz partícipe de suas memórias dos verdes anos mas depois cresceu, namorou, casou, é esposo, pai, sogro, avô e tornou-se escritor e hoje a Associação dos Escritores de Passos e região se orgulha em tê-lo como um dos seus membros fundadores. Até o próximo encontro, certamente em outro livro.

Hilda Gouveia é escritora, professora e membro da Academia de Letras de Taguatinga e da Associação Nacional de Escritores.

Dez anos sem Adriano Nogueira

Ivana Maria França de Negri

C onheci esse ser humano especial no Centro Literário de Piracicaba – CLIP.

Sempre de bem com a vida, alegre, dono de uma energia invejável. Adorava viajar, frequentar festas e eventos literários em boas companhias.

Gostava de contar casos, falar sobre literatura, sempre um bom papo, culto e bem informado, pois lia diariamente os jornais de grande circulação nacional e todos os da terrinha.

Um gentleman como poucos, raridade que não se encontra mais hoje em dia, daqueles que beijam a mão das mulheres e sempre cedem o lugar.

Costumava presentear as pessoas que lhe eram caras com pequenos mimos e livros. Quando soube que minha filha jornalista estava escrevendo sua tese de mestrado sobre Joel Silveira, trouxe de presente para ela uma coleção de livros desse autor.

Sabia da minha paixão por animais e sempre me enviava livros, publicações e curiosidades sobre o assunto. Participava ativamente de discussões e fazia parte de diversas entidades culturais. Assíduo frequentador de bibliotecas e feiras de livros.

Amou a vida e ela lhe deu o que tinha de melhor. Era, como se diz, um "bon vivant".



Adriano, Rosani, Fábio Lucas e Evaldo Vicente, 10 anos do LV.

Deixou uma legião de amigos, e essa saudade dóida que, com o tempo, virou doce lembrança.

Soube aproveitar muito bem a vida até os últimos instantes, quando o coração de poeta, pressionado pelas atribuições e emoções vividas ao longo da existência, recusou-se a bater.

Seu gatinho preto, tão bem tratado e mimado, ficou órfão de seus carinhos e os amigos se lembrarão para sempre de sua imagem meiga, portanto exemplares do *Linguagem Viva* em baixo do braço para distribuir.

O Clip ficou empobrecido sem sua presença. Voe em paz, amigo, no galope alado da poesia. Um dia a gente se encontra!

Ivana Negri integra o Centro Literário de Piracicaba, o Grupo Oficina Literária e a Academia Piracicabana de Letras.

LIVRARIA BRANDÃO



Comprim-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

**Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojnata.tevvirtual.com.br**

1964, o livro-depoimento escrito por Almino Affonso

Nildo Carlos Oliveira

Quem viveu, viu. E quem viu e participou, consegue assegurar um elo privilegiado na corrente da história.

A importância desse livro – *1964 na visão do ministro do Trabalho de João Goulart – Almino Affonso* – o mais recente lançamento este ano da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, não se restringe apenas ao período do golpe militar, nem se atém aos principais personagens que bloquearam o processo democrático e tentaram perpetuar o arbítrio, as torturas e os óbitos.

Tampouco, se restringe ao papel daqueles que articularam a resistência até *As diretas-já* e a reconquista da legalidade. Ao longo de suas 673 páginas desfilam os fatos dos quais o autor participou, analisou ou testemunhou e os personagens que ele conheceu. Amazonense nascido em Humaitá em 1929, formado em Direito pela Faculdade de Direito da USP, eleito deputado federal em 1959 e nomeado ministro do Trabalho pelo presidente João Goulart em 1963, Almino teve os seus direitos políticos suspensos por dez anos e ficou exilado na Iugoslávia, Uruguai, Chile, Peru e Argentina, ao longo de 12 anos.

Como ministro, e como líder do antigo PTB no Parlamento, Almino reconhece: “Meu livro é um testemunho”. E é na condição de testemunha que ele vem saldar, com essa obra, nas palavras do escritor Fernando Moraes, “uma dívida de mais de trinta anos contraída com a memória brasileira”.

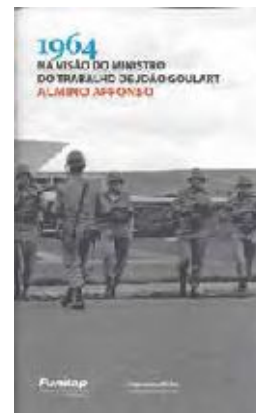
O movimento que desaguou em “1964” nasceu muito antes do ano do golpe. As forças contrárias ao modelo de desenvolvimento do País vinham se agrupando e ocupando terreno previamente à campanha do “Petróleo é nosso”. Mesmo antes do retorno de Getúlio Vargas ao poder, em 1950, Carlos Lacerda já provocava, através do jornal *Tribuna da Imprensa*: “O Sr. Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato à Presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar.”

Essa linha de raciocínio estava difundida entre os que se contrapunham à criação da Petrobras e da Eletrobrás, justamente as duas maiores empresas que fixariam o patamar do desenvolvimento brasileiro na época. Embora jogados às cordas pela carta-testamento de Getúlio Vargas, eles reagiram e se

posicionaram contra a candidatura de Juscelino Kubitschek à Presidência da República. Empossado, o ex-governador mineiro seria objeto do *Memorial Militar*. Depois, teve de enfrentar os revoltosos de Jacareaganga e Araguaças, que ele anistiou. Foram episódios frustrados por conta da posição forte do general Teixeira Lott em defesa da legalidade.

Mas os golpistas não desistiam. Com a renúncia intempestiva de Jânio Quadros, que provavelmente pretendia voltar ao poder com poderes ilimitados, eles investiram contra o governo de João Goulart, finalmente apeado da Presidência depois do célebre comício da Central do Brasil, num contexto político agravado pelo clima de radicalização criado em torno das propostas das Reformas de Base, que o seu governo – e a população – defendiam.

O livro está dividido em quatro partes: *O conflito vem de longe*; *Sistema parlamentar de governo*; *João Goulart, presidente da República* (capítulo em que o autor pormenoriza o perfil do presidente, a composição do seu governo e o Plano Trienal elaborado pelo



economista Celso Furtado); *Tragédia grega e Uma revisão da história*.

A obra remete os leitores ao perfil de João Goulart, na expectativa do autor de que eles se apercebam do contraste “entre tantos que se apequenaram para erigir o regime militar, e a dignidade com o que presidente se portou, em todos os momentos, deixando-nos lições que a meu ver ficarão”.

Nildo Carlos Oliveira é escritor, ensaísta, cronista e jornalista.

Acróstico inédito de Adriano Nogueira para Rosani Abou Adal

Rosto tens de pontificada beleza
Olhos negros, os teus, falam de amor
Sorriso franco, de fina nobreza
Adornando, tudo, por cabelos sedosos
Nativa de Capricórnio, fagueira,
Isso encanta Adriano Nogueira

Amiga diletta no meu destino
Bemvinda seja onde eu estiver
Ouças a mensagem do homem-menino
Umavez que és menina-mulher

Acalentes a esperança de tudo vencer
Diante da vida que com a morte divisa
Apoiada no que sabes escrever
Louvada escritora, jornalista e poetisa.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 70,00

Assinatura Semestral: R\$ 35,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME -

agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902

São Paulo - SP - 03062-000 - Tel.: (11) 2693-0392

Cel.: 97358-6255 - linguagemviva@linguagemviva.com.br

TRÊS RESENHAS SOBRE LIVRO A RESPEITO DA POESIA DE ARICY CURVELLO

Pacheco, Cleber- “A Arte Poética de Aricy Curvello”. Ediplat, Porto Alegre, 2013, 1ª ed.

Feliz é o criador que encontra um crítico como o mestre pela UFRGS, romancista, poeta e autor teatral Cleber Pacheco que, esmiuçando a obra do poeta da Geração 70 ARICY CURVELLO, constrói uma sólida análise, com referenciais em Foucault, Blanchot, Umberto Eco, Alfred Bosi, Merleau-Ponty, Giles Deleuze, etc... Pacheco nos mostra um significado filosófico na obra de Aricy, onde o Nada está diretamente ligado ao problema do Ser/Não Ser, lembrando a abertura do livro “Mais que os Nomes do Nada”-“começar outro recomeçar...”.

Na análise, depois de citar a máxima que “existir é o próprio caminho”, conclui que: “Se o instante reflete o tempo, o que caracteriza o humano é, portanto, a Palavra”; “O tempo, de certo modo, é o próprio intervalo entre o surgir e o desaparecimento”; “A destruição/reconstrução e o começo/recomeço podem ser captados pela linguagem”. As observações de Pacheco levam-nos a concluir que há uma constante preocupação em torno do “eterno retorno” nietzschiano na obra do poeta Aricy, que escreve, inclusive, que “Ser é uma invenção constante”.

Esta ideia me parece nítida num terceto de Aricy Curvello que ilustra um monumento público. O poeta nasceu em Uberlândia (Minas Gerais), morando atualmente em Serra, no Espírito Santo, e é em sua cidade natal que a Prefeitura construiu marcos em praças públicas com citações de poetas brasileiros.

Do poeta da terra, Aricy Curvello, está lá escrito em pedra: “sementes / só florescem/ se apodrecem”, bem representativo da ideia de retorno.

Segundo Pacheco, a peça-chave para se compreender a visão de mundo de Aricy Curvello está no poema “Cézanne”. A “coisa ou algo semelhante a ela” se encontra no coração do mundo e do próprio ato de ver. Daí a proposta do pintor: pensar com a pintura”; “Portanto, pensar é detectar algo ao invés de apenas recair no vazio e naquilo que se chama de nada. Ao transportarmos para a criação poética, podemos dizer que o mesmo se aplica à postura aricyana.” Cézanne: “A criação do que existe é uma tarefa infinita” - “Para o poeta é ainda mais longe: é o ato criador no sentido artístico e existencial. Todo fim remete a um começo. Se o existir é passageiro, está sempre se renovando. Se a poesia nomeia, está se utilizando do substantivo para chegar à substância das coisas. Como isso é impossível, cabe ao poeta retomar a tarefa ad infinitum...”

Finalmente, a análise do poema “O pintor de girassóis”, que “condensa e explora diferentes caminhos em nossa relação com o real, com a percepção, a pintura e a poesia”. Para Aricy Curvello trata-se de situar-se além dos valores e ideologias, sem retornar aos mitos e ritos, mas apenas ao pré-categorial por meio do Imprevisto, reatando pós e pré num tempo outro que não o da

História tal como a concebemos, mas a do Instante, único, irrepetível, arrebatador mas não irracional, passível de expressão e forma artística e poética, mas não cabível dentro de ‘escolas’ e ‘grupos’. A pintura de Van Gogh, assim, encontra seu significado na palavra poética bem à maneira de Aricy Curvello, como “Eterno retorno que remete ao infinito e ao absoluto, não no sentido transcendente e tradicional, mas de ciclo interminável do Mesmo expressando-se como Outro.”

Gerson Valle, In *Poiésis, Literatura, Pensamento & Arte* Ano XXI n. 216, S a q u a r e m a / Araruama/ Iguaba Grande/ Cabo Frio/ Arraial do Cabo/ São Pedro da Aldeia e Petrópolis (RJ), mar.

2014, p. 6.

[GERSON VALLE é poeta, membro da Academia Brasileira de Poesia – Casa de Raul de Leoni. Trabalhou na FUNARTE, no Rio, por vinte anos. Reside em Petrópolis/RJ.]

Cleber Pacheco, romancista, poeta e autor teatral, com vários livros publicados, se debruçou sobre a poética de Aricy Curvello e produziu esta obra, cujo enfoque é a poesia do polêmico escritor, sem dúvida um dos autores mais representativos de sua geração. O analista aborda exclusivamente aspectos literários e filosóficos dos poemas de Aricy e retrata, com

espírito crítico, as conexões com artistas plásticos e outros autores. O apêndice apresenta a Fortuna Crítica de Aricy Curvello e outros registros com uma visão completa da atuação do bardo.

Dimar de Caireyt, in *Escritores e Livros, Revista Acadêmica* (Órgão Oficial da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias) Ano 20 n. 33, Rio de Janeiro, abril 2014, p. 26.

Conheço a poesia de Aricy Curvello desde o seu primeiro livro {Os Dias Selvagens te Ensinam, 1979}. Desde logo me chamaram a atenção a excelência da abordagem político-social e a coesão do livro, pois “apresenta tanta unidade de forma e dicção que se pode considerá-lo um corpus dramático”. Sua poesia foi se distinguindo nos livros posteriores, a tal ponto que hoje o nome de Aricy Curvello se tornou um dos mais importantes de sua geração - a que estreou nos anos 70. O livro de Cleber Pacheco estuda cuidadosamente a poesia aricyana e focaliza principalmente a linguagem do autor e sua importância para a poética de seus versos. {...} De todo modo, é um precioso volume que será sempre de consulta obrigatória. Parabéns.

Fernando Py, in *Literatura, Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis/RJ, 6 dez. 2013, Coluna LAZER, p. 5

{FERNANDO PY é poeta e crítico. Amigo de Carlos Drummond de Andrade, de quem pesquisou e publicou a fortuna crítica dos anos vinte até 1935. Membro da Academia Brasileira de Poesia – Casa de Raul de Leoni.}



Aricy Curvello

LINGUAGEM VIVA
www.linguagemviva.com.br
 Consulte nossa tabela de preços
Linguagemviva@linguagemviva.com.br
 Tel.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Todo mundo adora ver
 uma caricatura bem
 feita. E bem feito
 pra você que
 ainda não tem.



www.xavi.com.br



Editores do LV serão homenageados pelo Sarau Literário e CLIP



Adriano e Rosani

O **Clip - Centro Literário de Piracicaba** prestará homenagem a Adriano Nogueira na próxima reunião, dia 26 de julho, sábado, das 15 às 17 horas, na Biblioteca Municipal de Piracicaba.

Estão programadas leituras de textos do homenageado e a intervenção de membros do Clip e de Rosani Abou Adal que falarão sobre a vida e obra de Adriano Nogueira.

O **Sarau Literário Piracicabano**, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, prestará homenagem a Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal que será a poeta convidada do mês.

O evento será realizado no dia 15 de julho, terça-feira, às 19h30, no Museu Histórico Pedagógico Prudente de Moraes, Rua Santo Antônio, 641, Centro de Piracicaba.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Livros

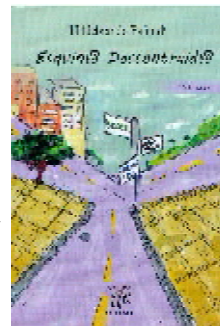
Esquin@ Descontraíd@, crônicas de Hildebrando Pafundi, RG Editores, 128 páginas, São Paulo.

O autor é escritor, jornalista, contista, cronista e titular da coluna *Esquina Descontraída* (jornal virtual www.cliqueabc.com).

Segundo José Bueno Lima, "O conto *A Presença de Quem Ama*, incluído no seu recente livro, *No Ritmo Sensual da Dança*, é uma peça magistral, com forte influência shakespeariana, que é uma das características do Hildebrando."

Hildebrando: hpafundi@ig.com.br

RG Editores: www.rgeditores.com.br



Testamentos, poemas de Celso de Alencar, Quaisquer, São Paulo, 192 páginas.

O autor é escritor, poeta e tradutor.

A obra tem posfácios de Márcia Denser, Renata Pallottini, Carlos Felipe Moisés, Glauco Mattoso, Jorge Anthonio e Silva, Fabrício Carpinejar, Mirian de Carvalho, Claudio Willer, Péricles Prade e Álvaro Alves de Faria.

Segundo Glauco Mattoso, "A poesia de Celso Alencar, em sua faceta autodenominada obscena, trabalha com esse mesmo enfoque do que seria realmente chocante." "Associa o componente libidinoso a dois outros que lhe elevam exponencialmente o caráter 'ofensivo': relações familiares e, sobretudo, a face da morte."

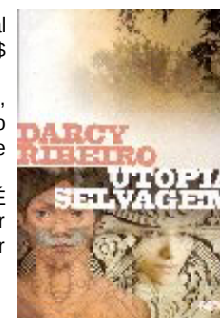
Quaisquer: www.dialetica.com.br

Utopia Selvagem, de Darcy Ribeiro, Global Editora, 6ª edição, São Paulo, 168 páginas. R\$ 32,00.

O autor, intelectual, escritor, educador, antropólogo e político, faleceu em 17 de fevereiro de 1997. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

A obra foi publicada pela primeira vez em 1982. É uma história tocante, que convida o leitor a refletir acerca da capacidade de adaptação do ser humano às mais inusitadas circunstâncias.

Global: www.globaleditora.com.br



Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589



Eduardo de Oliveira

Eduardo de Oliveira (1926-2012), escritor, poeta e advogado, será homenageado pelo Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo em parceria com o Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo e CNAB - Congresso Nacional Afro-Brasileiro -, no dia 26 de junho, quinta, às 20 horas, no auditório Vladimir Herzog do Sindicato dos Jornalistas, Rua Rego Freitas, 530, sobreloja, em São Paulo. O evento contará com as presenças do Prof. José Francisco Ferreira, filho do homenageado, de Carlos Lopes (jornal *Hora do Povo*) e de Dudah Lopes (piano), que farão uma homenagem especial ao professor Eduardo. Será apresentado um vídeo sobre o Hino à Negritude com as participações do maestro João Carlos Martins e de Eduardo de Oliveira.

O Hino à Negritude, de autoria do professor Eduardo de Oliveira, foi aprovado pelo Congresso Nacional e sanção presidencial do projeto de lei 300/09 que oficializa e torna obrigatória a execução do *Hino à Negritude* nos eventos em alusão à comunidade negra em todo o território nacional. A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e o Congresso Nacional Afro-Brasileiro realizaram no dia 28 de maio, em Brasília, um ato em celebração pela conquista.

Feira de Trocas de Livros é realizada todos os domingos no Espaço de Leitura do Parque da Água Branca, das 14 às 17 horas, Rua Ministro Godói, 180, em São Paulo. Tel.: 11 2588-5811 - <http://www.espacodeleitura.org.br/>

O III Festival do Livro e da Leitura de Diadema, que será realizado de 25 a 27 de setembro, está com inscrições abertas aos interessados em participar. Tels.: (11) 4055-9202/4055-9203, com Fábio e Adriana. biotecacentraldiadema@gmail.com

Preparação de originais e revisão de textos, workshop com a participação dos palestrantes Andréa Kogan e Fal Vitiello de Azevedo, será realizado no dia 23 de julho, quarta-feira, das 9h30 às 16h30, na Escola do Livro, Rua Cristiano Viana, 91, em São Paulo. Tel. (11) 3069-1300 - escoladolivro@cbl.org.br

Andreia Donadon Leal proferirá palestra sobre Aldravismo no dia 26 de junho, às 17 horas, na Academia Mineira de Letras. No dia 28 de junho, às 18 horas, no auditório do ICHS/UFOP, em Mariana, será lançado livro teórico sobre o Movimento Mineiro Literário: *O Aldravismo*.

Raquel Naveira publicou a crônica *Angélica* em www.topyitrine.com.br/artigo/angelica/#depo.

Notícias

O Concurso Sílvio Romero de Monografias sobre Folclore e Cultura Popular, edição 2014, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional por intermédio do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, está com inscrições abertas até o dia 22 de agosto. Premiação: R\$ 13 mil (1º lugar) e R\$ 10 mil (2º lugar). <http://www.cnfcp.gov.br/> - Tels.: (21) 2285-0441 / 2285-0891, ramais 214 e 215.

OV Encontro Catarinense de Escritores e o III Encontro Internacional de Escritores de Alfredo Wagner e Região será realizado nos dias 25 e 26 de julho, na Sociedade Recreativa União Clube, Praça da Bandeira, s/n, em Alfredo Wagner (SC). Está programada a 1ª Coletânea "Encontro de Escritores" - Homenagem a Mário Carabajal. O evento contará com as presenças de Prof. Dr. Mário Carabajal, Presidente Nacional da ALB, de Silas Correa Leite, Fernando Ritter, entre outros convidados. <http://encontrodeescritores.com.br/>

Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, J.B. Donadon-Leal e J.S. Ferreira lançaram uma coleção de seis livros inéditos de literatura, extensão do *Projeto Poesia Viva - a poesia bate à sua porta*, sendo que cada aluno receberá um livro, conforme faixa etária e nível escolar.

Diego Mendes Sousa foi eleito primeiro membro titular correspondente da Academia Carioca de Letras.

Teatro de Camões, organizado por Márcio Muniz, foi lançado pela Editora Oficina Raquel, no Real Gabinete, no Rio de Janeiro.

Ferreira Gullar foi agraciado com o *Prêmio do Governo de Minas Gerais* e receberá a importância de R\$ 120 mil.

O Grupo Projetos de Leitura distribui gratuitamente livros em braile. As instituições interessadas em recebê-los poderão obter informações em www.projetosdeleitura.com.br.

Daniella Bauer lançou, pela Editora Biruta, *Morada das Lembranças*, história que apresenta os relatos de uma família fugindo da Revolução Russa de 1917, rumo ao Rio de Janeiro.

Sombra de um Anjo, de Ana Beatriz Brandão, foi lançada pela Editora Novo Século. São mais de 500 páginas de aventura e suspense, sem deixar de lado o toque sensível sobre escolhas e decisões, que a adolescência nos traz.

Música com Z, de Zuza Homem de Melo, foi lançada pela Editora 34. A obra reúne 140 textos do autor escritos ao longo da sua carreira - das primeiras reportagens enviadas de Nova York, em 1957, até um artigo sobre os centenários de Caymmi, Lupicínio Rodrigues e Aracy de Almeida. O prefácio de Humberto Werneck.

Hildebrando Pafundi lançou *Esquin@ Descontraid@*, na Casa da Palavra Mário Quintana, em Santo André, com apoio do Chalé Pão de Queijo, PROTEMP, Prefeitura de Santo André e Secretaria de Cultura e Turismo.

Mad Men e a filosofia - Nada é o que parece, de James B. South, Rod Carveth, foi lançado pela Editora Gente.

Juan Gabriel Vásquez, escritor colombiano, foi laureado com o prêmio literário IMPAC, o mais importante da Irlanda. Ele é o primeiro latinoamericano a vencer o prêmio.

A 23.ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que será realizada de 22 e 31 de agosto, no Pavilhão de Exposições do Anhembi, vende ingressos no site Tickets For Fun.

O Juiz de Direito William Costa Melo, da 6ª Vara Cível da comarca de Goiânia, proferiu no dia 28 de maio a sentença no processo da ação de indenização por dano moral, que foi requerida por Alaor Barbosa, em 2010, contra a filha primogênita de João Guimarães Rosa, por haver cometido contra ele, em 2008, os crimes de calúnia, injúria, difamação. A sentença, deferindo os pedidos da inicial, condenou a ré a pagar indenização em dinheiro - 30 mil reais corrigidos monetariamente desde a citação, mais os juros da mora de 1% (um por cento) ao mês - e a publicar a sentença nos mesmos jornais em que os crimes foram perpetrados.

Alberto da Costa e Silva, membro da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com o *Prêmio Camões 2014* e receberá a importância de 100 mil euros (cerca de R\$ 300 mil).

Marco Aqueiva finalizou um romance, resultado de uma premiação da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, cujo projeto foi aprovado pelo ProAC. A obra será lançada em coedição pelas editoras Patuá e Dobra.

Ricardo Viveiros lançou *Como encontrar uma linda princesa*, pela Editora Gaivota. As ilustrações são de Alexandre Rampazo.

A SBS Livraria Internacional abriu a *SBS Livraria Internacional do Brooklin*, Rua Carolina do Sul, 74. www.sbs.com.br

A Editora Peirópolis lança *A Contradição Humana*, do escritor, ilustrador e músico português Afonso Cruz.

Mariza Baur lançou *Era uma vez um padre e um rei...* em São Paulo, Porto Alegre e Gramado.

O I Encontro das Academias de Letras Jurídicas será realizado nos dias 11 e 12 de agosto, em João Pessoa (PB). Estão confirmadas as presenças do Dr. Francisco Amaral, presidente da Academia Brasileira de Letras, e do Dr. Clovis Malcher Filho, presidente da Academia Paraense de Letras Jurídicas.

A Editora Landmark lançou a edição bilíngue das nove peças teatrais, divididas em dois volumes em um box exclusivo, de Oscar Wilde.

A Aldrava Letras e Artes e a ALACIB instalaram uma sala de leitura na *Vitrine Cultural de Mariana*, com realização da Secretaria Municipal de Cultura, que ficará aberta para visitação até o dia 29 de junho, das 11h às 18h, no Centro de Convenções de Mariana. O projeto conta com a participação de representantes da Aldrava Letras e Artes, da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasile, da Agricultura Familiar de Mariana e Região, do Clube Osquindô, CIA Navegante de Teatro de Bonecos, Circovolante, Clube das Mães da Colina, Associação de Artesãos de Cacheira do Brumado, Associação Marianense dos Artistas Plásticos e de Zé Pereira da Chácara.

